



SEÇÃO: LITURGIA

Opus Dei e opus homini: a liturgia como lugar do encontro entre Deus e o homem

Opus Dei and opus homini: the liturgy as a place of encounter between God and man
Opus Dei y opus homini: la liturgia como lugar de encuentro entre Dios y el hombre

Rafhael Silva Maciel¹

orcid.org/0000-0003-1142-0521
perafhael@hotmail.com

Recebido em: 05/10/2021.

Aprovado em: 19/11/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

Resumo: Este artigo trata da questão da liturgia entendida como obra de Deus e obra do homem, da relação entre os dois atores da celebração litúrgica. O artigo procura, com o auxílio da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada Liturgia, do Concílio Ecumênico Vaticano II, apresentar a relação e o encontro Deus-homem no contexto da celebração litúrgica. A reflexão é auxiliada por textos magisteriais dos últimos Pontífices e de alguns teólogo e liturgistas. O texto busca refletir sobre uma acurada e sã relação entre a liturgia enquanto tal e a aproximação do homem crente a essa realidade divino-humana. Na reflexão proposta aponta-se para a necessidade de que a celebração litúrgica seja o local do encontro do homem com Deus, no exercício do sacerdócio de Cristo – *opus Dei*, e no exercício do sacerdócio batismal – *opus homini*.

Palavras-chave: Celebração litúrgica. Liturgia e encontro. *Sacrosanctum Concilium*. Bento XVI. Romano Guardini.

Abstract: This article deals with the question of the liturgy understood as the work of God and the work of man, of the relationship between the two actors in the liturgical celebration. The article seeks, with the help of the Constitution *Sacrosanctum Concilium* on the Sacred Liturgy, of the Second Vatican Ecumenical Council, to present the relationship and encounter between God and man in the context of the liturgical celebration. The reflection is aided by magisterial texts by recent Pontiffs and by some theologians and liturgists. The text seeks to reflect on an accurate and healthy relationship between the liturgy as such and the approach of the believing man to this divine-human reality. The proposed reflection points to the need for the liturgical celebration to be the place where man meets God, in the exercise of the priesthood of Christ – *opus Dei*, and in the exercise of the baptismal priesthood – *opus homini*.

Keywords: Liturgical celebration. Liturgy and encounter. Benedict XVI. Romano Guardini.

Resumen: Este artículo aborda la cuestión de la liturgia entendida como obra de Dios y obra del hombre, de la relación entre los dos actores en la celebración litúrgica. El artículo busca, con la ayuda de la Constitución *Sacrosanctum Concilium* sobre la Sagrada Liturgia, del Concilio Ecuménico Vaticano II, presentar la relación y el encuentro entre Dios y el hombre en el contexto de la celebración litúrgica. La reflexión cuenta con la ayuda de textos magistrales de pontífices recientes y de algunos teólogos y liturgistas. El texto busca reflexionar sobre una relación precisa y sana entre la liturgia como tal y el acercamiento del hombre creyente a esta realidad divino-humana. La reflexión propuesta apunta a la necesidad de que la celebración litúrgica sea el lugar de encuentro del hombre con Dios, en el ejercicio del sacerdocio de Cristo – *opus Dei*, y en el ejercicio del sacerdocio bautismal – *opus homini*.

Palabras-clave: Celebración litúrgica. Liturgia y encuentro. *Sacrosanctum Concilium*. Benedicto XVI. Romano Guardini.



¹ Pontificio Instituto Litúrgico de Santo Anselmo (PIL), Roma, Itália.

Introdução

A história do ser humano sobre a terra, desde que foi tomando consciência de si e do seu mundo circunstante, tem como elemento constitutivo a sua relação com algo que ele mesmo sabia estar para além de sua capacidade de raciocínio. Os fenômenos da natureza foram, inicialmente, considerados como deuses, de que dá testemunho a mitologia dos povos da Antiguidade. Essa relação do homem com a realidade misteriosa da qual se foi dando conta, começou a ser vivida de modo palpável em cerimônias que, de algum modo, diziam dos laços que o mesmo ser humano estreitava com a divindade. As realidades do mundo, então, foram sendo concebidas a partir dessa dinâmica relacional homem-Deus.

É bem verdade que os povos tinham, cada um a seu modo, um modo de relacionar-se com a realidade da divindade. Diversos povos, diversos modos de cultuar a divindade. O povo de Israel, dentre os demais povos e em meio a tantas formas cultuais com as quais manteve contato, chegou a seu modo único de culto e de reconhecimento do Deus único. Essa cultura israelita marcará distintamente o modo de relacionamento com Deus e entre os próprios homens. O cristianismo, que se segue ao hebraísmo, em Jesus Cristo abre novas fronteiras, na chamada continuidade e descontinuidade, do culto até então celebrado pelo povo da antiga aliança, como relatará Odo Casel, em sua obra *Liturgia come mistero* (1921, p. 33-63).

O culto, até então não chamado de liturgia, como se entende hoje, emprenhava a realidade vivida, a ponto de o pensamento e a cultura serem determinadas pelo chamado teocentrismo. Deus era o centro da reflexão e assim o foi até o final da Idade Antiga. A relação Deus-homem era primordial nos discursos e na prática da vida humana. A *opus Dei* era vital para vida do ser humano, tocava todos os seus pormenores. E a *opus homini* era essencialmente culto prestado a Deus, a quem se devia toda a reverência e dádiva da vida.

Contudo, na histórica passagem de paradigmas entre a Idade Média e a Idade Moderna chegou-se à visão antropológica como centro da reflexão (*Fides et ratio cap. VI*). Desse modo, o mundo que tinha como paradigma do pensamento a teologia, o discurso sobre Deus, encontrou-se com um novo centro de reflexão que, levado ao seu extremo, chega ao que se conhece pelo nome de autorreferência, ou mesmo egocentrismo. Assim escreveu o Papa João Paulo II, ao comentar essa virada paradigmática da razão:

Em vez de apontarem para a contemplação da verdade e a busca do fim último e do sentido da vida, essas formas de racionalidade são orientadas, ou pelo menos orientáveis, como 'razão instrumental' ao serviço de fins utilitaristas, de prazer ou de poder (*Fides et ratio 47*).²

Levado ao seu extremo o egocentrismo significa que uma pessoa gira ao redor de si mesma, que tem a si própria como referência para a vida e as demais pessoas deveriam estar submetidas aos seus pensamentos e às leis que cria para si mesma, como aponta na *Evangelii gaudium 2*, Papa Francisco:

o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem.

Esse modo de pensar e de agir tem reflexos imediatos na vida cristã, e, no nosso caso, na vida litúrgica da Igreja, uma vez que a celebração da liturgia é o reconhecimento de que o centro da vida e da existência estão fora, num Outro que é essencial para a vida humana. Percebe-se

em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não

² Ainda sobre essa temática, da secularização, pode-se conferir o texto de J. Ratzinger: "Perché dimori in la potenza di Cristo", em *Davanti al Protagonista*, p. 53-61.

fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*. São três males que se alimentam entre si (*Evangelii gaudium* 78, grifo nosso).

Esse é o estilo de vida do: "quando eu quiser", "quando eu tiver vontade", "se eu gostar"; ou quando se diz: "eu rezo só, não preciso ir à igreja", e por aí em diante, é exatamente o ensimesmar-se, de uma vida relegada ao isolacionismo da atual sociedade. E em tempos de pandemia, o isolacionismo tornou-se moda e cada vez mais tem afetado a vida de fé e litúrgica da Igreja. A religião foi se tornando líquida, uma religião e uma fé do bel-prazer e das necessidades emocionais, que fogem às razões que deveriam ser dadas à fé (1Pd 3,15) e à existência cristã, enquanto tal.

1 Liturgia, movimento de ascensão e descida – anábasis e katábasis

A liturgia celebrada na Igreja e pela Igreja, é um movimento duplo de subida e descida, que a antropologia litúrgica chama de *anábasis* e *katábasis*. A Constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* 2, afirma: "Efetivamente, a Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, 'se realiza a obra da nossa Redenção', contribui em sumo grau para que os fiéis, pela sua vida, expressem e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja".

Na liturgia, então, realiza-se a obra da nossa Redenção e é de fé, que a obra da nossa redenção é uma *katábasis*, uma vez que foi iniciativa salvífica divina – "Deus enviou seu próprio Filho" (Jo 3,16), e o Filho "tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 13,1). É a kénosis do Filho (Fl 2,6-8), é a iniciativa divina do dar-se, da sua descida do mais alto posto, que na liturgia a Igreja celebra. Inclusive a forma da celebração, seus elementos essenciais, foram dados pelo próprio Cristo: "fazei isto em memória de mim!" (1 Cor 11, 23-26).

A *Sacrosanctum Concilium* 7, afirma:

Realmente, nesta obra tão grandiosa Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua diletíssima esposa que O invoca como seu Senhor e por meio d'Ele presta culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo, exercício no qual, mediante sinais sensíveis e do modo próprio de cada um deles, é significada e realizada a santificação do homem e o culto integral é exercido pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, Cabeça e membros.

Assim, os fiéis são inseridos pelo próprio Senhor no seu mistério de salvação. Por sua própria vontade e disposição Ele vem ao encontro dos que celebram a divina liturgia e "nos serve", põe-se à disposição do ser humano para nos elevar até Ele mesmo. A liturgia proclama duas vezes, pelo menos, essa verdade da comunicação entre o divino e o humano, realizado pelo Verbo eterno. No prefácio, terceiro, do Natal do Senhor:

Por ele, realiza-se hoje o maravilhoso encontro que nos dá vida nova em plenitude. No momento em que vosso Filho assume a nossa fraqueza, a natureza humana recebe uma incomparável dignidade: ao se tornar ele um de nós, nós nos tornamos eternos (Missal Romano, 412).

E, ainda, no prefácio da solenidade da Ascensão do Senhor ao Céu:

E tornou-se o mediador entre vós, Deus, nosso Pai, e a humanidade redimida, juiz do mundo e senhor do universo. Ele, nossa cabeça e princípio, subiu aos céus, não para afastar-se de nossa humildade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade (Missal Romano, 426).

De forma extraordinária, em seu movimento de descida ao encontro do homem, que celebra o evento salvífico inaugurado no passado, mas que faz e acontece no presente, a celebração do seu memorial, então, não é "memória cronológica" de um evento que ficou no passado, mas é memória enquanto algo que acontece no hoje da celebração.

O homem ao celebrar é chamado a dar uma resposta a essa iniciativa divina, e por isso o

movimento de ascensão, de subida do homem, a anábasis, faz parte desse duplo movimento litúrgico, que é antropológico, mas por que divino (KUNZLER, 2018, p. 35-42). O *Catecismo da Igreja Católica* 1111, diz:

A obra de Cristo na liturgia é sacramental porque o seu Mistério de salvação se faz presente mediante a potência do seu Santo Espírito; porque o seu Corpo, que é a Igreja, é como o sacramento (sinal e instrumento) no qual o Espírito Santo dispensa o Mistério da salvação; porque através das suas ações litúrgicas, a Igreja peregrina no tempo participa já, pre-gustando, da Liturgia celeste.

2 Na resposta de ascensão do homem, o culto em espírito e em verdade

O Papa emérito Bento XVI, ao explicar o culto de latria, ou culto espiritual, que o homem presta a Deus em seu movimento de resposta amorosa, escrevia, em *Sacramentum caritatis* 70:

As palavras de São Paulo aos romanos a este propósito, são a formulação mais sintética de como a Eucaristia transforma toda a nossa vida num culto espiritual agradável a Deus: 'Vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecer os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; é este o vosso culto espiritual' (Rm 12,1).

Nesta exortação paulina emerge a imagem do novo culto, aquele dos fiéis em Cristo, como oferta total da própria pessoa em movimento: *transitus*, *páscoa*. O então Cardeal Joseph Ratzinger, no texto "A questão acerca da estrutura da celebração eucarística", esclarece que a crise da liturgia não tem a ver, necessária e fundamentalmente, com livros litúrgicos diversos, mas "no fundo de todas as controvérsias, emergiu uma profunda dissidência acerca da essência da celebração litúrgica, a sua origem, o seu sujeito e a sua forma correta" (RATZINGER, 2019, p. 362).

Nesse mesmo texto Ratzinger escreve que,

os conceitos dominantes da nova visão da liturgia se podem resumir nas palavras-chave 'criatividade', 'liberdade', 'festa', 'comunidade' – e sabemos todos nós que esses são conceitos profundamente antropológicos, que dizem

respeito a ações específicas e fundamentais da vida humana (RATZINGER, 2019, p. 362).

Continua o Cardeal teólogo: "Sob tal ponto de vista, 'rito', 'obrigação', 'interioridade', 'ordenamento da Igreja universal' aparecem como conceitos negativos, que descrevem a situação a ser superada da 'velha liturgia'" (RATZINGER, 2019, p. 362) – o que põe em risco o dado antropológico da liturgia, uma vez que o homem não pode viver sem algo que lhe oriente, que dê um rumo à sua vida, e assim não venha cair na anarquia ou nas malfadadas criatividades selvagens.

A liturgia entendida como festa, pode enfrentar um perigo que lhe tire a sobriedade do culto devido a Deus, uma vez que, "na tentativa de fazer a celebração participada, ativa, frutuosa e consciente, tantas vezes se deixou levar por uma criatividade extemporânea, que não salvaguardou a especificidade da mediação litúrgica" (TAGLIA-FERRI, 1992, p. 34, tradução nossa).³ Por isso, se entendemos festa apenas como o encontro em comunidade, apenas como um encontro fraterno em que buscamos oferecer a nós mesmos algo que nos atraia e nos distraia, o risco de um entendimento antropológico errôneo da liturgia como festa é aquele de que ela

se aproxima – no que se refere à forma e à atitude espiritual – ao tipo party: o que se manifesta, por exemplo, na crescente importância de palavras de saudação e de despedida, como na busca de elementos com um valor de entretenimento. O efeito do entretenimento se torna até mesmo o critério de uma celebração litúrgica 'bem-sucedida' que, portanto, depende da 'criatividade', ou seja, dos achados dos seus organizadores (RATZINGER, 2019, p. 363).

Nesse encontro entre a disponibilidade divina que vem ao encontro do homem e da resposta de adoração e louvor do homem a Deus está o dado mais fundamental de todos, que no seio da antropologia teológica e litúrgica dá o verdadeiro sentido para dizer que a liturgia é uma festa: o reconhecimento da nossa criaturalidade, como canta tão bem o Salmo 8:

³ Do original: Nel tentativo di rendere la celebrazione partecipata, attiva, fruttuosa e consapevole, spesso ci si è lasciati andare ad una creatività estemporanea, che non ha salvaguardato la specificità della mediazione liturgica.

O que é o homem para que te recorde dele,
O filho homem para que lhe cure?
Eis que o fizeste pouco menos que os anjos,
De glória e de honra o coroaste:
Os deste poder sobre as obras das tuas mãos,
Tudo lhe puseste sob os seus pés.

O ser humano, "feito" criatura física, reconhece-se, ao mesmo tempo criatura de Deus, e como "ser para a morte", porque sabe que terá um termo terreno. Por isso, o orante, que reza voltando-se para Deus, reconhece Deus como seu criador e criador do seu ser. Reconhece que Deus está acima de si pois é Ele quem lhe dá a vida. Desse reconhecimento, brota a condição vital para a celebração da liturgia: a gratidão!

O Cardeal Kurt Koch (2018, p. 36-78) pergunta: ser grato a quê? E responde: ao simples fato de existir, à vida que nos foi dada, e que veio de fora e não de nós mesmos, porque não nascemos por geração espontânea. O homem hodierno precisa buscar reaprender a ser grato, a olhar para fora de si e desamarrar-se das cadeias que não o deixam ser livres. Se queremos uma "liturgia libertadora", autêntica, é preciso sair do egoísmo, da autorreferencialidade, do ensimesmamento, de fazermos uma liturgia à bel prazer, como já suspeitava e alertava a *Sacrosanctum concilium* 22, §3, ao afirmar que ninguém pode, por si mesmo, modificar a liturgia conforme lhe apraz.

3 Participação litúrgica, resposta ativa do homem diante do dom do totalmente Outro

A participação litúrgica, e, seu dado mais humano que inclui gestos, palavras, expressões corporais, deve levar o fiel a rezar e participar conscientemente (*Sacrosanctum concilium* 11). Reconhece-se que nem tudo é mérito pessoal/individual, mas que o dom vem de Outro, totalmente Outro. É assim que se dá a verdadeira gratidão, do reconhecimento de saber que há um Outro e, por isso na liturgia, o homem agradece a Deus tudo, cada obra, cada evento, mesmo aqueles que lhe foram difíceis (KOCH, 2018, p.

36-40). E, ainda mais, na liturgia, porque ação da Igreja e ação provocada por Deus, percebe-se que a vida não pode ser vivida de modo isolado.

Talvez, daqui a razão para tantas pessoas pedirem, após algum tempo de quarentena, consequência imediata da crise causada pela atual pandemia, que as nossas Igrejas locais retornassem ao culto comunitário. É inegável que o isolamento social, se levado ao extremo é totalmente prejudicial, seja para a vida humana enquanto tal, seja para a vida espiritual dos crentes – de qualquer religião.

A vida é recebida! O culto, é o local onde gratidão e louvor a Deus são manifestados e, assim, a ação antropológica da gratidão é o primeiro ato litúrgico. Não é à toa que, quando celebramos, fazemos eucaristia – ação de graças! Desse modo, ao celebrar a ação de graças do memorial do Mistério Pascal de Cristo, atuamos como *homo festivus*, antes de sermos *homo faber* ou *homo functionalis*, o que significa que antes da ordem do fazer ou das funções, somos seres que celebram, que festejam a vida mesma, o fato mesmo de existir (KOCH, 2018, p. 38).

A criaturalidade envolve, consigo, a realidade do pecado, que faz emergir no homem o sofrimento, os problemas da vida presente, as próprias contradições interiores. Ao falar de festa, esse dado, também antropológico do sofrimento e do pecado, é esquecido, posto de lado? Evidente que não. Fé e vida fazem que celebremos a devida ação de graças, mas na liturgia os sofredores possuem voz, podem elevar a sua voz a Deus pela oração da Igreja. A liturgia dá esperança aos sofredores, e esses celebram a pesar de tudo, porque a liturgia toca um fundamento da antropologia teológica – ela aponta para o Bem definitivo (KOCH, 2018, p. 39).

Deus dá ao homem um serviço: servir o Senhor e observar os seus mandamentos, ao pô-lo para "trabalhar e cuidar do jardim" (Gn 2,15). Nesse posto, o Senhor confere ao ser humano o primeiro mandamento: a liberdade (Gn 2,17). O homem, usando mal essa liberdade, infringe a aliança, põe em dúvida o dom da libertação (Ex 16,22-27; 17,1-7;

Nm 11,4-6); a serpente põe em dúvida a proteção divina (Gn 3,1.4-5). O Senhor procura pelo homem que estava escondido!

Essa procura de Deus pelo homem nos diz que há sempre para o homem, da parte do Altíssimo, a esperança do perdão e do retorno para Ele (Dt 29-30). Na cena dramática do capítulo 3 do Livro do Gênesis Deus faz seguir uma série de perguntas ao delito cometido pelo primeiro casal humano, mas deixa sempre aberto um horizonte de esperança e de misericórdia. Mais motivo de festa e de gratidão.

A ideia da festa, enquanto dado litúrgico-humano, possui ainda alguns elementos importantes para ser entendida como conceito de liturgia:

a) ela implica a aprovação e afirmação da existência. Pelo dado da fé aprovamos o mundo que nos foi dado por Deus e agradecemos-lhe, celebrando;

b) ao mesmo tempo como festa, nela participam pessoas que possuem alguma ligação entre si. Entra em jogo mais um dado humano fundamental da festa que diz de relações recíprocas, e desse modo a liturgia não é senão lugar relacional, entre o Deus e o homem e dos homens entre si. Nesse sentido, somos reflexo da Trindade (KOCH, 2018, p. 40-43).

Pela liturgia terrena, então, nós tomamos parte na liturgia celeste, nessa liturgia celebrada pela Trindade, em sua relação de amor eterno. O Céu toca a Terra a cada celebração litúrgica,

desta festa celeste deveremos já participar desde esta nossa vida através da liturgia terrena da Igreja. A liturgia celebrada na terra é comunhão com Deus e com as suas criaturas, assim também participação na plenitude da vida da Trindade (KOCH, 2018, p. 42-43).

Na liturgia terrena fazemos comunhão com Deus e com sua obra – liturgia cósmica (KOCH, 2018, p. 43-47),⁴ pela qual participamos da plenitude da vida trinitária. Tornamo-nos pessoas eucarísticas, pois na celebração da liturgia da

Igreja, outro fator antropológico entra em cena: reconhecimento de que somos devedores ao próprio Deus, devedores da nossa própria existência, uma vez que a liturgia cristã é mais que um encontro entre homens (aspecto horizontal), mas é, outrossim, celebração que em toda a sua plenitude abraça a totalidade do criado e de toda a história – alfa e ômega, princípio e fim. Desse modo, na visão antropológica, aguardamos novos Céus e nova Terra (aspecto vertical).

Na celebração litúrgica, como afirma *Sacrosanctum concilium* 7, "Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas [...]. Realmente, nesta obra tão grandiosa Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados [...]". Jesus Cristo, na ação litúrgica não está apenas na ordem da exemplaridade, ou seja, do fazer. Na celebração litúrgica Cristo é Sacramento de salvação, pois na Igreja,

com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo, exercício no qual, mediante sinais sensíveis e do modo próprio de cada um deles, é significada e realizada a santificação do homem e o culto integral é exercido pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, Cabeça e membros. Portanto, qualquer celebração litúrgica, enquanto obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, cuja eficácia não é igualada, sob o mesmo título e grau, por nenhuma outra ação da Igreja (*Sacrosanctum concilium* 7).⁵

Por isso, antes do fazer está o celebrar. Por isso, a Constituição litúrgica afirmar que a liturgia é cume e fonte da vida cristã, mesmo que não a esgote (*Sacrosanctum concilium* 12-13). Celebra-se Cristo em todo seu mistério pascal, e para celebrar é preciso passar da terra ao céu. Não é à toa que a Igreja nos convida a cada liturgia: *Sursum corda!* (Corações ao alto!), e respondemos: *Habemus ad Dominum!* (Temo-lo em Deus!). Na liturgia somos elevados acima de nós mesmos (ou deveríamos nos deixar elevar), seguindo a máxima

⁴ Sobre o aspecto cósmico da liturgia também escreveu J. Ratzinger em Introdução ao espírito da Liturgia, especialmente no primeiro capítulo da referida obra, in *Obras Completas* 11, Edições CNBB, p. 31-58.

⁵ Sobre esse ponto de SC 7, Giorgio Bonaccorso faz breve e interessante comentário em "La liturgia e la fede. La teologia e l'antropologia del rito (Caro salutis cardo 8), p. 25-26.

do Apóstolos: "Buscai as coisas do alto" (Cl 3,1).

A liturgia é festa da fé, nela rendemos glória a Deus! O Hino de Louvor, o Sanctus, a antífona Aleluia, entre outros elementos, são expressão dessa festividade da alegria do coração humano que se eleva a Deus na celebração. No diálogo, a revelação de Deus emerge através de palavras e ações em conjunto. Na liturgia que celebramos isso se dá *per ritus et preces* – a liturgia como palavra eficaz.

Esse diálogo, por exemplo, na vida de Jesus Cristo se deu quando nas suas curas não havia somente o dado da cura, enquanto tal, mas Jesus entrava na vida daquele que pedia a cura, num diálogo com a vida do homem enfermo. Na liturgia não há somente a graça dada, mas um diálogo, e Jesus Cristo entra na vida da sua Esposa, a Igreja. A obra da Igreja se atua pela presença de Deus mediada.

Quais as mediações humanas para que Deus dialogue com seu povo? A língua (seja o latim seja a língua vernácula), a palavra (proclamada, explicada, respondida), os gestos (as posições corporais e disposições interiores); a obra da salvação atua nessa presença mediada e com a ação de outro sujeito, o homem – que se santifica operando a glorificação de Deus (doxologia), no louvor do seu povo, da sua comunidade. A esse respeito, sobre os gestos e as atitudes do fiel crente e sua ação na celebração litúrgica já escreva Romano Guardini, em sua obra *O espírito da Liturgia e os santos sinais* (2007).⁶

Na celebração da festa, a santificação do homem é condição *sine qua non*, pois desde a criação Deus deu ao homem a possibilidade de glorificá-lo. O homem reconhece Deus como seu criador e louva-o. É sempre Deus quem faz possível tudo o que o homem realiza. Assim sendo, a Liturgia é *opus Dei e opus homini*. O homem dá sua contribuição para a obra da criação, na linha ascendente da sua resposta, que só pode ser dada porque somos santificados e Deus veio

ao encontro do homem.

Como *opus Dei*, Cristo é o primeiro liturgo, o primeiro que realiza a liturgia (*Sacrosanctum concilium* 6). Dialogicamente se realiza a liturgia, o sacerdote como ministro realiza o sacramento, em diálogo com o *Christos leiturgo*: mediador da Graça divina no diálogo com o Pai e a Igreja, que é consorcia à função sacerdotal de Cristo, pois ele associa sempre a si a Igreja, sua esposa amadíssima, à qual o invoca como seu Senhor e por meio dele rende o culto ao eterno Pai (*Sacrosanctum concilium* 6).

Daqui brota, do dado antropológico relacional, uma característica toda especial e fundante: a relação de amor da Igreja com Cristo, em que Cristo é o Esposo da Igreja, que se reúne para celebrar não como uma assembleia jurídica e social, mas como uma assembleia que realiza um diálogo de amor com o seu divino Esposo. A glorificação de Deus "*per Christum*" é dar louvor e resposta como criaturas que se encontram em unidade com o seu Redentor. Como dizia Irineu de Lion: "A glória de Deus é o homem vivente, mas a vida do homem consiste na visão de Deus" (*Adv. Haer.* IV, 20,7).

Nesse caso, antropologia implicará cristologia, ou seja, cada ação humana deve ser lida em sentido cristológico, cada ação deve ser vista com o aspecto da encarnação. Por isso a necessidade de sinais, que compreendidos no contexto da encarnação do Verbo têm um seu fundamento cristológico.

4 Liturgia, corpo místico de Cristo que se une ao seu Senhor

Por fim, liturgia é a "liturgia da Igreja", do *corpus mysticum* de Cristo; é

o culto público integral é exercido pelo corpo místico de Jesus Cristo, isto é, pela cabeça e pelos seus membros. Por isso cada celebração litúrgica, enquanto obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, e nenhuma outra ação da Igreja se igualha em eficácia no mesmo título e no mesmo nível (*Sacrosanctum concilium* 7).

⁶ Como desenvolvimento desse pensamento de Guardini, escreve J. Ratzinger, em Introdução ao Espírito da Liturgia, p. 129-173.

No exercício do seu sacerdócio batismal, ao celebrar a divina liturgia, o homem é como consórcio de Cristo. O homem aqui é a Igreja na comunhão do corpo místico de Cristo que implica uma dimensão que havia sido esquecida: para os Padres da Igreja era o Pão e o Vinho Eucarísticos – corpo sacramental eucarístico, imagem, depois retomada para falar da Igreja – corpo místico de Cristo.

A Igreja nasce e vive da Eucaristia! Em outras palavras, nasce da liturgia a identidade da Igreja, pois na liturgia está a identidade do corpo. A Igreja se realiza na liturgia e nessa há sempre uma realidade corporal e real: corpo eucarístico – fundamento litúrgico (*mysticum*) da Igreja (*Sacrosanctum concilium* 10) e a correspondência: a ação litúrgica é o agir de Cristo – expressão (ontológica) da essência. Bento XVI dizia que “existe, de fato, uma ligação estreitíssima e orgânica entre a renovação da liturgia e a renovação de toda a vida da Igreja. A Igreja não só age, mas se exprime também na liturgia e da liturgia tira as forças para a vida”. Como pano de fundo está o pensamento da eclesiologia litúrgica, princípio pessoal e dinâmico em que Cristo é cabeça e age com seu corpo e pelo seu corpo – a eclesiologia de comunhão.

A forma da liturgia é antropológica, dessa identidade deriva a forma da celebração, a qualidade da celebração, no sentido de como se celebra. Essa forma é uma expressão de fé e se refere a essa fé. É expressão de festa e de ação de graças, inclusive porque o ato da assembleia é ato público, não só como ação unilateral, mas dialogal. A liturgia é lugar pessoal onde Cristo é presente no mundo, de modo pessoal nos seus ministros ordenados, nos seus fiéis, nas ações da Igreja.

Por isso, nada de isolacionismos, a Igreja é o lugar da relação, o lugar do encontro entre Deus e o homem, para a qual a liturgia é *culmen et fons* (*Sacrosanctum concilium* 10). O Apóstolo Paulo aos Efésios 4,23-24, exortava: “e deveis renovar-vos no espírito e na vossa mente e revesti-vos do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na verdadeira santidade”, e desse modo vive-

remos a festa sem fim da liturgia que para nós tem preparado o Senhor.

Considerações finais

Romano Guardini, grande nome da renovação litúrgica tinha consigo aquela gratidão e fascínio pela grandeza dos pensadores da Idade Média, mas sabia, ao seu tempo, que um retorno àquela época e seus próprios símbolos, no confronto com a modernidade e pós-modernidade não seriam mais viáveis, para demonstrar a força e a beleza da liturgia, como recorda muito bem Giorgio Bonaccorso (2010, p. 94).

Porém, a liturgia sempre foi e será entendida como essa manifestação, como uma epifania, da Igreja, do corpo místico de Cristo, da comunidade que crê e que celebra os mistérios da sua fé. Necessário se farão as adaptações e atualizações ao tempo presente, em um mundo pós-moderno e secularizado, onde o discurso sobre Deus e das relações homem-Deus são banalizadas e consideradas míticas, fez-se imperativo

reabrir as portas à experiência religiosa, al sagrado, ao culto [...] com uma atitude tipicamente fenomenológica, [refletindo] sobre o fato que cada um de nós experimenta a si mesmo como uma unidade concreta e vivente, uma unidade que não pode se submeter aos métodos de pesquisa da ciência (BONACCORSO, 2010, p. 94).

Apenas revestidos do homem novo pela liturgia – *homo liturgicus* –, e pela eucaristia de modo especial – *homo eucharisticus* –, haverá o necessário impulso missionário, movido pela fé daquela relação katábasis-anábasis, celebrada e vivida no culto. O cristão que celebra, que percorre seu caminho de ascensão em direção a Deus tem a liturgia como elemento fundamental para alimentar sua experiência de fé, uma vez que Deus faz o caminho oposto, de descida, para encontrar o homem que na liturgia colhe a manifestação divina (BONACCORSO, 2010, p. 94).

Assim sendo, a revelação de Deus ao homem na liturgia é ao mesmo tempo palavra e evento realizados em Jesus Cristo e os seus discípulos foram por ele enviado seja para pregar a todos os povos anunciando a Palavra de Salvação, mas

ao mesmo tempo celebrassem e agissem e fizessem sua obra conhecida (BONACCORSO, 2010, p. 94). A "fé litúrgica" impele, então *homo liturgicus* ao encontro com os irmãos, entre eles os mais necessitados, os "pobres em espírito" (Mt 5,3).

Como consequência desse encontro da grandeza de Deus e da pequenez humana dada na liturgia cada fiel, cada comunidades que celebra saio ainda mais cõscio de que o sacrifício de Jesus, sua kénosis e sua descida até nós foi por todos e cada um. Desse encontro cada um deveria se sentir impelido "a fazer-se 'pão repartido' para os outros, [pois] a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Jesus, pão repartido para a vida do mundo" (BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis* 88).

Desse modo, é importante reafirmar que "a Igreja [comunidade celebrante] deve inserir-se [na vida social] pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias também, não poderá afirmar-se nem prosperar" (BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis* 89). Tudo isso, porque, as comunidades cristãs, desde suas origens se entenderam no culto e na vida comunitária, os cristãos se entendiam como comunidade crente não porque tinham ou faziam coisas, mas porque eram unidos como comunidade que crê, que ama e que reza (Bonaccorso, 2015, 98).

Como desafio missionário de toda a reflexão litúrgica realizada percebe-se que "na perspectiva da responsabilidade social de todos os cristãos" lembra-se "que o sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente" (BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis* 89).

A bênção final de cada celebração litúrgica e a despedida, em verdade, deve ser um *Graças a Deus!*, não pelo fim da celebração, mas como uma continuidade da mesma que deverá ser vivida

entre o cumprimento da liturgia eucarística e o retorno às próprias boas obras [pessoais]. Dar graças a Deus, isto é fazer eucaristia, como uma corrente de conjugação entre a eucaristia litúrgica e as obras que realizamos com a ajuda do

Espírito e guiados pelo Espírito (cf. Rm 8,13-14) (VALENZIANO, 2005, p. 263, tradução nossa).⁷

Vivendo, então, o Mistério Pascal de Cristo e sua incidência na vida e na existência humana cada um é levado a render a Ele gratidão e a empenhar a vida inteira, porque n'Ele se crê e a Ele se celebra vivendo a liturgia, também, em chave missionária, pois os dons do Espírito são multiformes e chama cada cristãos a dar seu próprio testemunho de querer alcançar a vida eterna e ao mesmo tempo a serem presença viva no meio da sua comunidade. Testemunho que vem da experiência do encontro com Aquele que experimentamos na Sagrada Liturgia.

Referências

BENTO XVI. Exortação Apostólica pós Sinodal sobre a Eucaristia, fonte e cume da vida e da missão da Igreja *Sacramentum Caritatis* (22 februarii 2007), AAS 99 (2007) 105-180.

BONACCORSO, Giorgio. *La liturgia e la fede. La teologia e l'antropologia del rito* (Caro Salutis Cardo 8). Padova: Edizioni Messaggero di Pavoda, 2010.

BONACCORSO, Giorgio. *Celebrare la salvezza: Lineamenti di liturgia* (Caro Salutis Cardo 6). Padova: Edizioni Messaggero di Pavoda, 2015.

CASEL, Odo. *Liturgia come mistero*. Roma: Medusa, 1921.

CATECHISMO DELLA CHIESA CATTOLICA. Testo integrale. Nuovo commento teologico-pastorale a cura di Rino Fisichella. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana e San Paolo, 2017.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho nos nossos tempos (6 dicembris 2013), AAS 115 (2013) 1020-1137.

GUARDINI, Romano. *Lo Spirito della Liturgia. I santi segni*. Lavis: Morcelliana, 2007.

JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Fides et ratio* aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão (14 setembrii 1998), AAS 90 (1998) 5-88.

KOCH, Kurt. La Liturgia della Chiesa come festa della fede vivente. In: KASPER, Walter; KOCH, Kurt; AUGUSTIN, George. *La Liturgia: L'arte di diventare cristini* (Orizzinti 4). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018.

KUNZLER, Michel. *La Liturgia della Chiesa*. Milano: Jaca Book, 2018.

⁷ Do original: Tra il compimento della liturgia eucaristica e il ritorno alle proprie buone opere. Rendere grazie a Dio, cioè fare eucaristia, ad anello di congiunzione tra l'eucaristia liturgica e le opere che compiamo con l'aiuto dello Spirito e guidati dallo Spirito (cf. Rm 8,13-14).

MISSALE ROMANUM. *ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli VI promulgatum Ioannis Pauli II cura recognitum*, Editio typica tertia emendata, Typis Vaticanis, Paulus, 2009.

RATZINGER, Joseph. O espírito da Liturgia, uma introdução. *In: RATZINGER, Joseph. Obras Completas 11*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

RATZINGER, Joseph. A questão acerca da estrutura da celebração eucarística. *In: RATZINGER, Joseph. Obras Completas 11*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

RATZINGER, Joseph. Perché dimori in la potenza di Cristo. *In: RATZINGER, Joseph, Davanti al Protagonista*. Siena: Cantagali, 2009.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II. Constitutio de sacra liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 decembris 1963), *AAS* 56 (1964) 97-134.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio *Gaudium et spes* (07 decembris 1965), *AAS* 58 (1966) 1025-1115.

TAGLIAFERRI, Roberto. *Quale modello di pastorale liturgica emerge dal Concilio? Rivista Liturgica*, Padova, n. LXXIX, p. 25-38, 1992.

VALENZIANO, Crispino. *L'anello della Sposa: Mistagogia eucaristica I – Modulazione Circolare del Rito*. Edizioni Liturgiche: Roma, 2005.

Rafhael Silva Maciel

Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo (PIL), em Roma, Itália; doutorando em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo (PIL), em Roma, Itália; professor da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), em Fortaleza, CE, Brasil.

Endereço para correspondência

Rafhael Silva Maciel

Pontifício Collegio Pio Brasileiro

Via Aurelia 527

00165 Roma (RM), Italia

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.